

#215

Edifícios e Jardim Gulbenkian Passado, Presente e Futuro Mulheres do barro Oratória de Natal de J. S. Bach



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN



ESTUFA © KENGO KUMA — LUXIGON

4

Edifícios e Jardim Gulbenkian

No ano em que se celebram os 50 anos dos edifícios da Sede e do Museu, a Fundação dedica um dia ao edificado e ao Jardim, mas presta também um tributo à sua história, lançando um olhar àquilo que, em breve, Museu e Jardim terão para mostrar. A conferência sobre “Passado, Presente e Futuro”, contará com os arquitetos Gonçalo Byrne e Kengo Kuma como oradores.

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#215 — DEZEMBRO 2019 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA — THE DESIGNERS REPUBLIC — IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO — DDLX / REVISÃO DE TEXTO — RITA VEIGA / CAPA — A PALA DESENHADA PELO ARQUITETO JAPONÊS KENGO KUMA © KENGO KUMA — LUXIGON / IMPRESSÃO — GRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM — 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / GULBENKIAN.PT

Índice

Notícias

- 4 Edifícios e Jardim Gulbenkian
- 5 Um futuro mais sustentável
- 6 A volta ao mundo que é uma volta à vida
- 9 As melhores ideias na bioeconomia azul
- 10 Mulheres do barro
- 13 Ser ou estar vivo. Eis a questão

Exposições

- 14 Art on Display
- 15 Robin Fior
- 15 Calouste: uma vida, não uma exposição

Música

- 16 Oratória de Natal, Johann Sebastian Bach

Ambientes

- 18 Sugestões para o Natal



MICHEL CORBOZ DIRIGE A ORATÓRIA DE NATAL NA TEMPORADA 17/18 DA GULBENKIAN MÚSICA © MÁRCIA LESSA

16

Oratória de Natal, Johann Sebastian Bach

Uma das mais belas obras do repertório coral-sinfónico de todos os tempos — a Oratória de Natal de Johann Sebastian Bach — será tocada no Grande Auditório, nos dias 13, 14, 15 e 16. O concerto celebra o Natal, mas também a longa ligação de Michel Corboz ao Coro Gulbenkian, do qual é o maestro titular há precisamente 50 anos. Em palco estarão, além do Coro e Orquestra Gulbenkian, a soprano Ana Quintans, a meio-soprano Marianne Beate Kielland, o tenor Benedikt Kristjánsson e o baixo Philippe Sly.

Todo o mundo é composto de mudança

A frase do soneto de Camões não pode ser mais adequada a esta publicação, **que se despede dos seus leitores neste número**. A Newsletter da Fundação Calouste Gulbenkian foi criada há alguns anos com o propósito de divulgar as suas atividades e apoios, numa lógica de distribuição gratuita e com uma periodicidade regular, primeiro bimensal e mais tarde mensal. Ao fim de 215 números, decidimos que é tempo de mudança. Vamos mudar a forma de comunicar consigo, mas não deixaremos de a/o informar sobre todas as nossas iniciativas, se quiser continuar connosco.

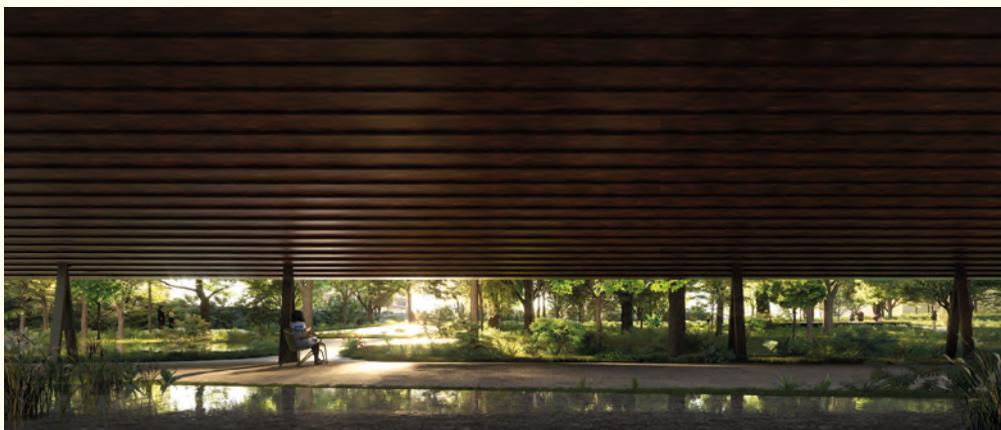
A partir de janeiro, haverá uma nova área *online* em gulbenkian.pt, intitulada **Zoom**, onde lhe daremos a conhecer as notícias, a programação e os eventos que organizaremos, dentro e fora da Fundação. Neste espaço também lhe contaremos histórias e mostraremos os protagonistas dos nossos projetos e programas de apoio, por meio de entrevistas e reportagens, vídeos e fotografias.

Mensalmente, continuaremos a publicar a nossa Agenda, que a/o porá a par de todas as iniciativas da Fundação, e a disponibilizar as várias newsletters digitais que fazemos para si – não só a semanal, como as especializadas nas áreas da Música, do Museu e do Descobrir. Para as receber, só tem que se inscrever no nosso website. O acesso é gratuito.

Quase a entrar em 2020, que decerto trará mais ideias e outras mudanças, agradecemos o seu interesse pela Fundação Calouste Gulbenkian, e deixamos-lhe desde já votos de um Bom Natal e um excelente Novo Ano!

Edifícios e Jardim Gulbenkian

No 50º aniversário do Edifício Sede e do Museu Gulbenkian, o arquiteto Gonçalo Byrne, o fotógrafo André Cepeda e o arquiteto japonês Kengo Kuma vêm falar sobre a obra que marcou a arquitetura portuguesa.



VISTA DO JARDIM, DO INTERIOR DA PALA © KENGO KUMA – LUXIGON

Marque na agenda: dia 10 de dezembro será um dia dedicado aos Edifícios e ao Jardim Gulbenkian. Não só ao que vemos hoje e ao que ele nos oferece, mas também um tributo ao seu passado, à sua história, e àquilo que, em breve, terá para mostrar de diferente. Sob o título *Edifícios e Jardim Gulbenkian – Passado, Presente e Futuro*, Ana Tostões, Gonçalo Byrne e João Nunes vão debater, no Grande Auditório, a arquitetura dos edifícios Gulbenkian e a sua inserção na cidade de Lisboa, desde a sua construção aos dias de hoje. A esta mesa-redonda seguir-se-á o lançamento do livro de fotografia *Gulbenkian*, da autoria de André Cepeda. O fotógrafo português, que ao longo dos anos já expôs um pouco por todo o mundo – do Museu do Chiado à Faulconer Gallery, no Iowa, passando pela Delegação da Fundação Calouste Gulbenkian em França –, apontou a objetiva aos edifícios e o Jardim Gulbenkian e, em conjunto com a editora Monade, fotografou os vários espaços do antigo Parque de Santa Gertrudes. O resultado propõe um trabalho aprofundado sobre a arquitetura do edifício, a sua relação com o jardim e com a cidade de Lisboa. A apresentação da obra estará a cargo de Gonçalo Byrne, André Cepeda, José Neves e João Carmo Simões. Por fim, o premiado arquiteto japonês Kengo Kuma vai desvendar um pouco mais do projeto de ampliação do Jardim, a sul. O arquiteto, em conjunto com o paisagista Vladimir Djurovic, foi o vencedor do concurso de ideias para esta expansão. Nesta conferência, intitulada “Um parque para a cidade”, ficará a conhecer os novos percursos e a nova dinâmica do Jardim.

O evento está marcado para dia **10 de dezembro**, no Grande Auditório, e tem entrada livre. A intervenção de abertura será feita pela presidente da Fundação, Isabel Mota.

Um futuro mais sustentável

A venda da Partex vai permitir alinhar a Fundação Gulbenkian com a visão de futuro que partilha com outras grandes fundações.



EDIFÍCIO DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN © RICARDO OLIVEIRA ALVES

Em novembro, a Fundação Calouste Gulbenkian concluiu o processo de venda da Partex Holding B.V. à PTTEP, uma empresa tailandesa, cotada em Bolsa, que integra os índices Dow Jones Sustainability. A operar desde 1985, a PTTEP tem mais de 40 projetos petrolíferos em 15 países espalhados pelo mundo.

Depois do acordo de venda, assinado a 17 de junho deste ano, e obtidas todas as autorizações necessárias, foram assinados os documentos finais que permitiram a esta prestigiada empresa tailandesa de exploração e produção de petróleo assumir o controlo da Partex, valorizando a sua história, a elevada qualidade do seu portefólio e a solidez da sua gestão e dos seus colaboradores.

O Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian congratulou-se com a conclusão do processo, que permitirá o crescimento e expansão da Partex e a sua entrada num novo ciclo de desenvolvimento. A Fundação sublinha as competências da Partex neste sector e reconhece o profissionalismo e o empenho de António Costa e Silva, bem como de toda a equipa de gestão ao longo do processo de venda.

Para a Fundação, este é um momento especialmente relevante, uma vez que este desinvestimento na Partex, um ativo que representava cerca de 18 por cento dos investimentos totais, permite um alinhamento com a visão de futuro sustentável que partilha com outras grandes fundações internacionais.

A volta ao mundo que é uma volta à vida

Para os jovens do Centro Educativo Navarro de Paiva, a caravela Vera Cruz é o palco onde derrotam o seu monstro interior. Eis o resultado do primeiro ano do projeto PARTIS / Mare Liberum.

Foi numa quarta-feira, 23 de outubro, que estreou *Monstro em Mim*, o primeiro espetáculo integrado no projeto *Mare Liberum*, promovido pela Aporvela – Associação Portuguesa de Treino de Vela, em parceria com a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais e a associação CUSCA, no âmbito da terceira edição da iniciativa PARTIS – Práticas Artísticas para a Inclusão Social. Durante 30 minutos, a caravela *Vera Cruz*, atracada na doca de Alcântara, foi o cenário onde 12 jovens residentes no Centro Educativo Navarro de Paiva puderam contar a sua história de medo e superação, inspirada na figura de Fernão de Magalhães, cuja famosa viagem marítima comemora 500 anos.



NO ENSAIO GERAL DE "MONSTRO EM MIM", CATARINA AIDOS DÁ AS ÚLTIMAS INDICAÇÕES © MÁRCIA LESSA



FORAM 12 OS JOVENS QUE PARTICIPARAM EM CENA NA PRIMEIRA APRESENTAÇÃO PÚBLICA DO PROJETO MARE LIBERUM © MÁRCIA LESSA

A “travessia” destes jovens, com idades entre os 14 e os 18 anos, teve início em fevereiro, com oficinas de escrita criativa que evoluíram depois para aulas de expressão dramática e deram origem a uma peça de teatro original. Em paralelo, a Aporvela organizou sessões de navegação na caravela, com uma abordagem teórico-prática de treino de mar, realizada em complemento à dimensão artística e criativa.

Catarina Aidos, responsável pela dinamização artística do projeto, explica que, antes de começar a construir o espetáculo, era necessário “perceber como é que a ideia de volta ao mundo lhes poderia abrir horizontes para – e isto é uma expressão deles/as [dos jovens]– uma ‘volta à vida’”: “O espetáculo é sobre esta ideia de mar interior; de que nós somos também esse horizonte longínquo. Podemos ser muito mais do que aquilo que os olhos alcançam.”

O Centro Educativo Navarro de Paiva, em Lisboa, além de ser o primeiro dos três centros educativos que vão estar envolvidos neste projeto, é um centro misto: rapazes e raparigas partilham paredes, mas estão, habitualmente, separados por elas. Este projeto-piloto passou também pelo desafio de permitir que uns e outras percorressem o caminho juntos, adicionando mais um elemento libertador ao processo.



NO PORÃO, AS JOVENS MAQUILHAM-SE E PENTEIAM-SE PARA A ESTREIA EM "PALCO" © MÁRCIA LESSA

Mare Liberum parte da convicção de que estes jovens carecem de experiências diferenciadoras e de mundividência que lhes permitam uma reinserção plena na sociedade e na comunidade educativa, e procura, através do complemento entre o estímulo físico e artístico, ajudá-los a desenvolver a sua autoestima, capacidade criativa e espírito de equipa. No total, participaram (até ao fim) 14 jovens, seis raparigas e oito rapazes (selecionados pela direção do centro em função das condições e duração da medida tutelar a ser cumprida), os quais, ao longo do ano, assumiram o papel de atores ou assistentes de cena.

Os monstros em nós

Umhas horas antes do espetáculo, o ânimo na caravela está ao rubro. No porão, as raparigas penteiam-se, maquilham-se e preparam-se para a estreia em "palco"; no convés, os rapazes já se juntam em volta do microfone a cantar um rap animado. Rui Santos, representante da Aporvela, justifica: "Isto que está a acontecer hoje não é normal." Sair do centro educativo para subir à caravela, participar num espetáculo de apresentação pública onde são protagonistas, é uma oportunidade única para "libertar a cabeça e a mente do quotidiano do centro e, sobretudo, para o empoderamento deles próprios", uma vez que falamos de jovens que "não estão habituados a concretizar objetivos, a ter metas estabelecidas e a expor-se ao risco e a coisas que fogem ao universo deles, como o teatro, a escrita, a expressão artística...".

A mensagem desta história, encenada e representada pelos jovens sob as orientações meticulosas de Catarina, é muito clara. Doze marinheiros são confrontados com um monstro. Têm de decidir entre fugir ou tentar derrotá-lo. Um deles argumenta: "Não é a fugir que nos salvamos dos monstros. Só quando os combatemos é que eles desaparecem." Outro confessa ter medo. Alguém diz, sob a forma de consolo: "Às vezes é preciso ter medo. O que não podes é deixá-lo vencer." No fim, é o monstro que sai derrotado pela força conjunta.



RUI SANTOS, DA APORVELA, E JOÃO CUSTÓDIO, DA ASSOCIAÇÃO CUSCA © MÁRCIA LESSA

Para a equipa por detrás do projeto, o sucesso desta iniciativa é mensurável sobretudo pelo facto de alguns participantes quererem manter a sua participação, mesmo depois de cumprida a medida tutelar. Por exemplo, a data do espetáculo teve de ser antecipada para que I pudesse estar presente antes da data de saída do centro, poucos dias depois. Outra rapariga, T, jurava desde o início do ano que não ia estar presente em cena e chegou a admitir ter planeado “portar-se mal” para não poder sair na data da estreia, mas acabou por fazer parte do espetáculo e quer continuar a acompanhar os ensaios, mesmo depois da sua partida em janeiro. “Este projeto já valeu a pena se houver uma jovem que passou a acreditar nela, a acreditar que é capaz”, diz Catarina. “Se houver uma! E nós sabemos que são mais. São [pelo menos] onze.”

Com a duração prevista de três anos (2019–2021), um para cada centro, *Mare Liberum* vai trabalhar com três centros educativos da região de Lisboa (Navarro de Paiva, Bela Vista e Padre António de Oliveira) enquanto projeto-piloto que possa ser replicado nos restantes centros de Portugal. Além das navegações na caravela *Vera Cruz*, da formação em escrita criativa e teatro e dos espetáculos daí resultantes, está também prevista a realização de vídeos de curta-metragem.



CATARINA AIDOS, DA ASSOCIAÇÃO CUSCA © MÁRCIA LESSA

Monstro em Mim terá nova apresentação em 2020, desta vez na Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do encontro Isto é PARTIS, de **24 a 26 de janeiro**.

As melhores ideias na bioeconomia azul



OS VENCEDORES DA 2ª EDIÇÃO DO BLUE BIO VALUE © DR

Este ano, o programa Blue Bio Value recebeu mais de 110 candidaturas. Destas, apenas 15 equipas – oriundas de Portugal, Espanha, Dinamarca, Suíça, Itália, Canadá, Brasil, Reino Unido e Índia – tiveram oportunidade de participar no programa de aceleração que decorreu, em Portugal, entre 8 de outubro e 6 de novembro.

Durante este tempo, as equipas trabalharam afincadamente nos seus projetos, todos eles promotores de uma utilização mais saudável e sustentável do oceano, com o objetivo de aperfeiçoar os seus modelos de negócio. No final das cinco semanas, a Fundação Calouste Gulbenkian e a Fundação Oceano Azul, em parceria com a Fábrica de Startups, a Bluebio Alliance e a Faber Ventures, identificaram as equipas que mais se tinham destacado no *bootcamp*

e sagraram-nas vencedoras da 2.ª edição do programa Blue Bio Value. São elas a Ficosterra, a Ufraction8 e a Biosolvit.

A **Ficosterra** é uma *startup* espanhola que leva a biotecnologia marinha para a agricultura. Produzindo biofertilizantes e bioestimulantes através de algas e microorganismos complexos, tem como objetivo regenerar o solo, estimular culturas, melhorar a produtividade e aumentar a resistência das plantas ao *stress* ambiental.

A britânica **Ufraction8** centra-se na sustentabilidade de processos. Com recurso a tecnologia de bioprocessamento escalável, com elevada eficiência e redução de consumo energético, foca-se em soluções sustentáveis e inovadoras para indústrias de processamento de vários biorrecursos, como algas.

A brasileira **Biosolvit** desenvolve produtos sustentáveis destinados à absorção de qualquer derivado de petróleo em terra ou no mar. Orgânicos ou sintéticos os seus produtos também permitem o reaproveitamento do material absorvido.

O programa de aceleração Blue Bio Value, que levou as 15 equipas à Web Summit para que cada uma pudesse apresentar as suas ideias a eventuais investidores, atribuiu ainda, aos vencedores, um total de 45 mil euros para o desenvolvimento dos seus projetos.

Com esta iniciativa, a Fundação Calouste Gulbenkian e a Fundação Oceano Azul querem contribuir para que Portugal se torne num polo europeu relevante e inovador no desenvolvimento da mais moderna bioeconomia marinha.

Mais informação em www.bluebiovalue.pt

Ser ou estar vivo. Eis a questão

A 30 de janeiro, em Lisboa como em muitas outras cidades do mundo, vai debater-se o tema “Être vivant”. É mais uma Noite das Ideias.



IMAGEM DA NOITE DAS IDEIAS DE 2019, DEDICADA AO TEMA “ENFRENTAR O NOSSO TEMPO” © MÁRCIA LESSA

A ideia foi lançada há três anos pelo governo de Emmanuel Macron e já começa a fazer parte da agenda anual. Em 2020, é no dia 30 de janeiro que se promove a noite dedicada à discussão, ao debate, à conversa — em suma, à troca de ideias. E o mote para este ano é “Ser e estar vivo” (traduzido do francês *Être vivant*).

A Noite das Ideias — uma iniciativa do Instituto Francês em Portugal, em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian — contará com uma conferência inaugural de Manuel Sobrinho Simões, médico e investigador português, Prémio Pessoa em 2002 e eleito, em 2015, pela revista britânica *The Patologist*, o patologista mais influente do mundo.

À conferência inaugural segue-se um conjunto de palestras, diálogos e conversas com dezenas de cientistas, artistas, intelectuais e pessoas com um papel de destaque na sociedade. Embora dedicada a “Ser e estar vivo”, vão ser explorados três subtemas: “Envolvimento dos cidadãos”; “Investigação científica”; e, por fim, “Moral e ética”.

Esta noite replica-se em várias cidades dos cinco continentes, cada uma com a sua programação própria, mas todas sob o mote *Être vivant*. Mas o que é isso de “Ser e estar vivo”? Qual é o lugar da nossa existência no mundo? Em que medida é que “ser e estar vivo” nos obriga a passar à ação? “Ser e estar vivo” não é também uma forma de agir e comprometer-se, dar um sentido aos nossos atos e à nossa existência?

Poderá debater estas e outras questões na Noite das Ideias. Dia 30 de Janeiro, na Fundação Gulbenkian. A entrada é livre.

Mais informações em lanuitdesidees.com

Mulheres do barro

Reinata Sadimba e Merina Amade, duas ceramistas moçambicanas, participaram numa residência artística na Bajouca, com o apoio da Fundação Gulbenkian.

“Eu quero é barro.” No seu português rudimentar, Reinata Sadimba atalha rapidamente o início da conversa. Trajando um vestido cor de vinho com casaco a condizer, colar e brincos vistosos e uma echarpe prateada, Reinata não estava em Portugal para falar, muito menos numa língua que praticamente desconhece. Queria era pôr as mãos no barro, o material que há muito a colocou no mapa das artistas moçambicanas com projeção internacional e que ia servir de instrumento de interação na residência artística que as tinha trazido a Portugal. Embora Reinata se apresentasse “à ocidental”, trazia as suas origens estampadas numa cara de idade incerta, toda tatuada. “Quando crescemos [Merina Amade, ao lado de Reinata, apalpa o peito para remeter para a puberdade] somos postas um mês num quarto. Saímos com a cara tatuada a carvão e oferecem-nos capulanas”, explica a segunda artista moçambicana. As tatuagens na cara (de ambas) são prova de um ritual de passagem, mas também uma forma de marcar, publicamente, a sua pertença à etnia maconde, onde se acredita que as figuras geométricas marcadas na pele vão atrair fertilidade e apaziguar a relação com os espíritos.



REINATA SADIMBA A TRABALHAR O BARRO ©ALBERTO FRIAS



A CUMPLICIDADE ENTRE REINATA SADIMBA E CÉU PEDROSA, NA OLARIA DESTA ©ALBERTO FRIAS

Reinata Sadimba e Merina Amade deixaram o seu país ao abrigo do apoio (da Fundação Calouste Gulbenkian) à mobilidade de artistas dos PALOP e no âmbito da candidatura de Leiria à Rede de Cidades Criativas da Unesco. A ideia era participarem numa residência artística na Bajouca, concelho de Leiria, e trocarem experiências com os oleiros da região.

A Bajouca é terra de oleiros. Céu Pedrosa, a oleira com quem Reinata e Merina mais trabalharam, vem de uma família com longa tradição no barro. O bisavô era oleiro, o avô (com quem Céu aprendeu esta arte) era oleiro, o pai era oleiro; em cinco irmãos, só um não se dedicou à olaria. Aos nove anos já Céu fazia peças. “Se forem verdes e amarelas”, avisa, “só podem ser da Bajouca!”. Céu mantém-se fiel à tradição, mas com esta interação, com a troca de experiências, decidiu adaptar as suas peças, embelezá-las, pô-las a contar uma história, como fazem as artistas moçambicanas. Talvez assim as suas peças e as dos restantes oleiros da Bajouca ganhem reconhecimento, como tanto deseja.

À roda da roda

Na olaria de Céu Pedrosa, Merina Amade não esconde o fascínio com a velocidade que a roda alcança. As peças saem das mãos de Céu num tempo recorde e com uma perfeição que Merina não consegue acompanhar.

Na sua olaria, Alcino Pedrosa produz todo o tipo de peças, em grandes quantidades, e vende quase tudo para fora – da Alemanha à Austrália. Apesar de ter um negócio bastante mais industrializado do que o da prima Céu, é ele quem senta Merina à frente da roda e lhe põe as mãos no bloco de barro em movimento. Merina, de idade indefinida, ganha um brilho quase infantil no olhar.

No seu canto, Céu observa-a com um sorriso ligeiramente trocista. É ela quem tem produzido algumas das peças para Reinata e Merina decorarem. É esta a ideia por



OS MOTIVOS MACONDE, NAS ESTÁTUAS DE REINATA © ALBERTO FRIAS



detrás da vinda das duas artistas moçambicanas à Bajouca: promover a troca de experiências, a interação entre dois mundos, a aprendizagem mútua, a inspiração. Céu faz peças utilitárias a grande velocidade. As artistas moçambicanas demoram-se a construir cada uma e decoram-nas, riscando-as com motivos geométricos maconde e juntando figuras decorativas que contam uma história. As personagens de Reinata – “a mulher que vai buscar água e leva o filho Samuel às costas, recusando-se a deixá-lo com outra mulher”, “este marido, que é uma nhoca [cobra má] Maconde”, “a mulher que está grávida de um filho fora do casamento”, “a mulher que não quer ter cabeça” – têm histórias ricas e já foram expostas em Londres, Milão, Paris, Joanesburgo ou Nova Iorque, além de Lisboa, Évora e Porto. Merina, mais nova, a quem na Bajouca chamam por vezes “Reinata pequena”, faz figuras mais simples, com histórias menos elaboradas – “uma mãe grávida de trigémeos”, “uma pessoa que não tem filhos e está triste”, “uma mãe que dorme com o filho e o abraça”.

As explicações deixam transparecer que a vida de Reinata, mais longa que a de Merina, terá sido também mais sofrida. Mas encontrou o seu espaço. Fez o seu percurso e chegou longe, como artista, o que, sente, a obriga a não se expor em demasia – foi por isso que, perante a audiência, não experimentou a roda: porque não sabe, confessou.

“Moçambique trouxe o mundo para a Bajouca”

“Quando o barro pretende ser demasiado real, perde essa magia”, explica Celeste Afonso, a responsável pela presença das duas moçambicanas na Bajouca. Era essa magia que queria mostrar aos oleiros de Leiria, para que pudessem “olhar para a olaria como para uma obra de arte”.

Esta residência inseriu-se no processo da candidatura (entretanto concluída, com sucesso) de Leiria a cidade criativa da UNESCO, na área da música. Música? Sim, explica Celeste: “Leiria tem 11 filarmónicas centenárias. Mas nenhuma cidade é criativa numa única área, portanto à música juntámos a olaria – não numa lógica conjunta, mas como forma de estimular a criatividade.”

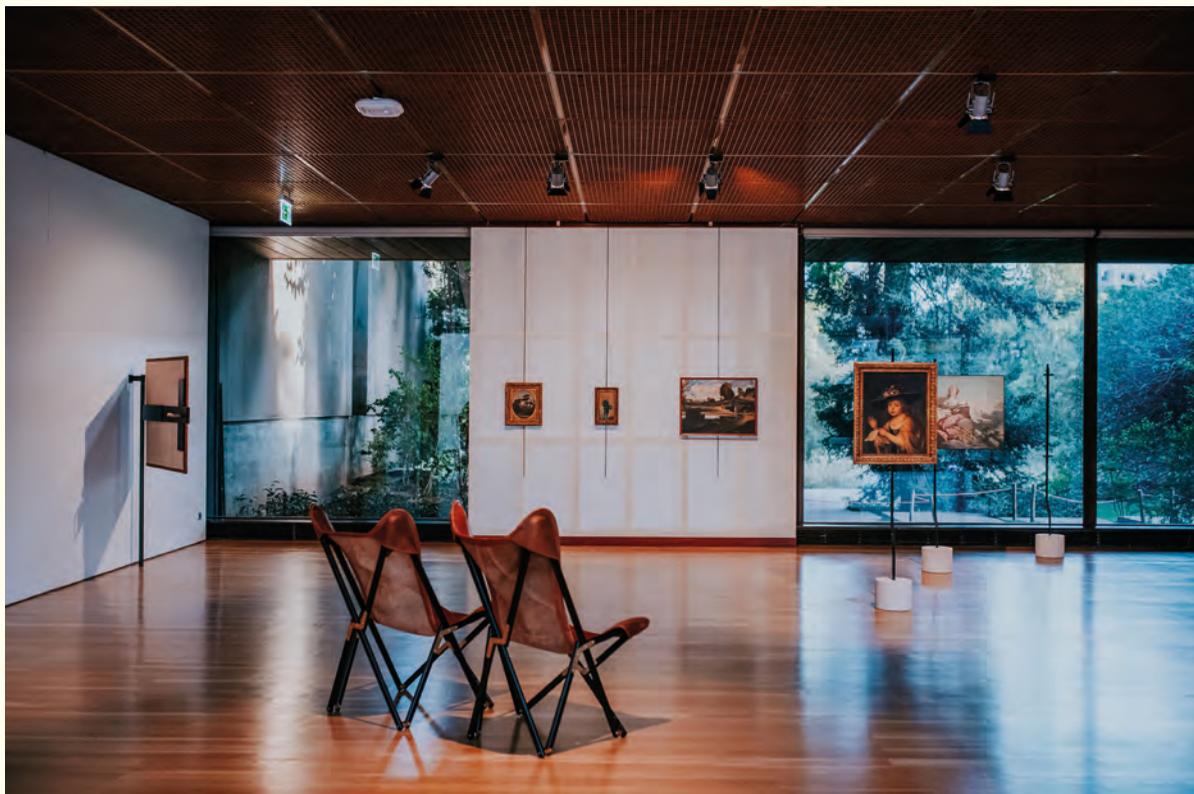
Faltava, no seu entender, que os artesãos da Bajouca contactassem com outros artesãos. Faltava estimular essa criatividade, a mesma criatividade que levou Reinata, numa noite, a pedir que lhe deixassem barro em casa. No dia seguinte, pela manhã, tinha oito peças começadas. “Não deve ter dormido”, conclui Celeste. Reinata e Merina olham para o barro de forma diferente. Celeste quis que os bajouquenses vissem isso. E o que concluiu, no final da residência, foi que “Moçambique trouxe o mundo para a Bajouca.”



REINATA SADIMBA COM UMA DAS SUAS OBRAS © ALBERTO FRIAS

Parcerias para o Desenvolvimento

Com o intuito de apoiar a qualificação e internacionalização de artistas dos PALOP (países africanos de língua oficial portuguesa), o Programa Gulbenkian Parcerias para o Desenvolvimento tem montado um sistema de apoios à mobilidade internacional de artistas naturais e residentes nos PALOP nas áreas de Artes Visuais, Curadoria e Dança. As residências artísticas como aquela em que Reinata Sadimba e Merina Amade participaram proporcionam condições de trabalho excecionais, facilitam a criação de redes colaborativas essenciais para a dinamização de processos criativos e sua afirmação nos mercados internacionais. Cabe aos artistas escolherem a residência em que querem participar, devendo o júri avaliar o interesse da proposta e atribuir o apoio.



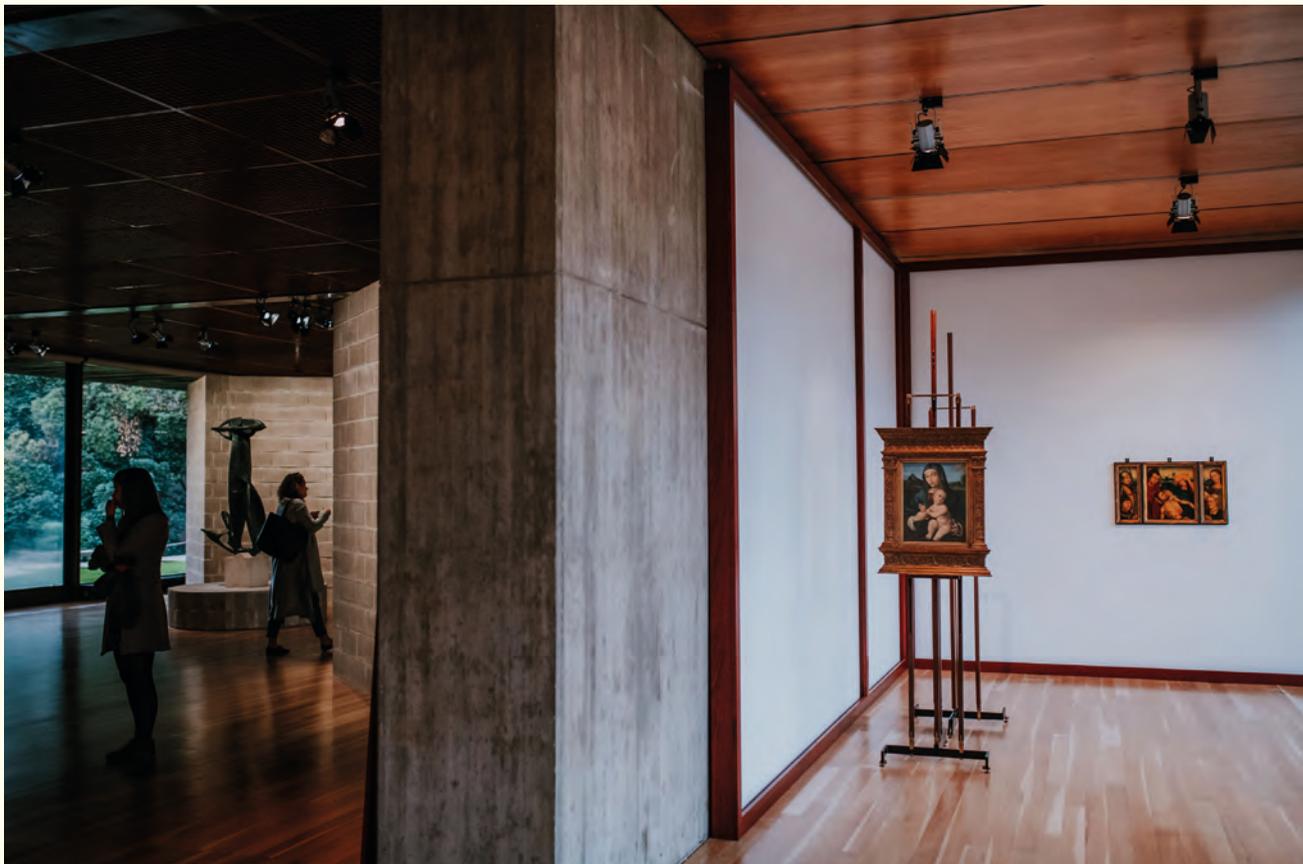
ASPETO DA EXPOSIÇÃO © PEDRO PINA

ART ON DISPLAY NOS 50 ANOS DO MUSEU GULBENKIAN

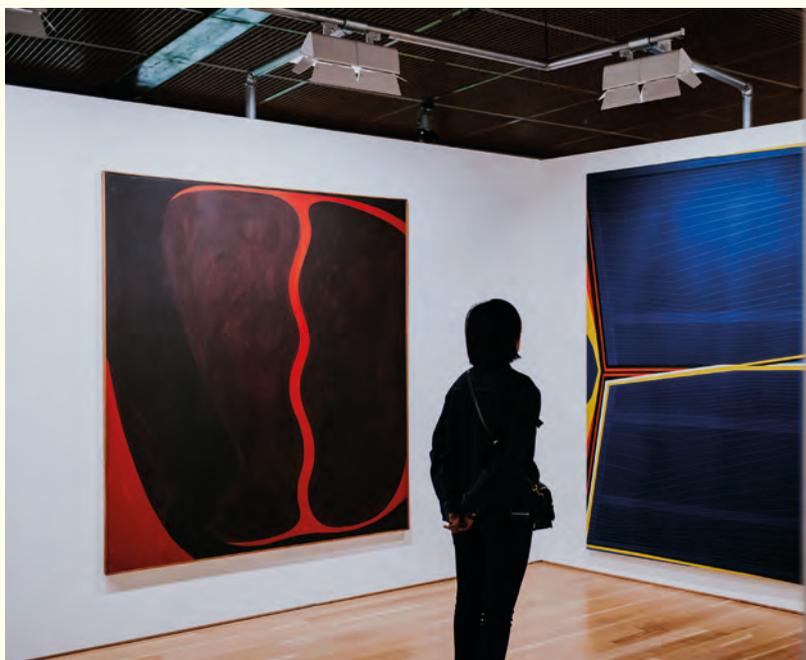
Esta mostra singular recria algumas das mais ousadas soluções expositivas que marcaram as duas décadas anteriores à abertura do Museu Gulbenkian, entre 1949 e 1969. São apresentadas réplicas, construídas em tamanho real, de projetos assinados por grandes arquitetos e *designers* como Franco Albini e Franca Helg, Carlo Scarpa, Lina Bo Bardi, Aldo van Eyck e Alison e Peter Smithson.

Oito dezenas de peças do Museu Gulbenkian saem das reservas para ocupar o lugar das obras originalmente apresentadas nestas exposições icônicas, numa equivalência, muitas vezes, surpreendente.

Com dupla curadoria de Penelope Curtis e Dirk van den Heuvel, a exposição reflete sobre o efeito que a linguagem expositiva provoca na experiência estética e será também apresentada no Het Nieuwe Instituut em Roterdão, em 2020.



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © PEDRO PINA



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © PEDRO PINA

**Art on Display.
Formas de expor 1949-69**

PROJETO ASSOCIADO DA TRIENAL
DE ARQUITETURA DE LISBOA
Curadoria: Penelope Curtis
e Dirk van den Heuvel

Edifício Sede – Galeria Principal
Até 2 mar 2020

17 Exposições

ROBIN FIOR **CALL TO ACTION/ABRIL EM PORTUGAL**

Ocasão única para revisitar a obra de um designer socialmente comprometido, que viveu em Portugal entre 1973 e 2012, celebrou a revolução de abril de 1974 e acompanhou o meio cultural e político português durante quatro décadas.

Grande parte das cerca de 100 peças que compõem a exposição – cartazes, panfleto, folhetos e outros –, pertence ao espólio de Robin Fior, doado à Biblioteca de Arte Gulbenkian após a sua morte.



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © PEDRO PINA

**Robin Fior Call to Action /
Abril em Portugal**
Curadoria: Ana Baliza

*Coleção do Fundador
– Galeria do Piso Inferior
Até 3 fev 2020*



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © PEDRO PINA



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © FRANCISCO GOMES

Último mês

CALOUSTE: UMA VIDA, NÃO UMA EXPOSIÇÃO

Último mês para visitar a exposição que celebra os 150 anos de Calouste Gulbenkian e que evoca a sua vida e o seu extraordinário legado através de objetos, fotografias, diários e cartas. Nesta mostra, o percurso cronológico é invertido: inicia com o telegrama que anuncia a morte de Calouste e acaba no tempo da sua infância no antigo Império Otomano. Entre esses dois momentos, o visitante tem um papel ativo na reconstrução da vida deste notável homem de negócios, colecionador de arte e filantropo.

Calouste: uma vida, não uma exposição

Curadoria: Paulo Pires do Vale

Edifício Sede – Galeria do Piso Inferior
Até 31 dezembro 2019

Oratória de Natal, Johann Sebastian Bach

A Oratória celebrará o Natal mas também Michel Corboz, maestro titular do Coro Gulbenkian há 50 anos.

No dia 17 de Dezembro de 1969, o maestro suíço Michel Corboz, na altura com 35 anos, estreava-se a dirigir o Coro Gulbenkian. O Grande Auditório da Fundação tinha sido inaugurado apenas dois meses antes e o programa era composto por obras de Johann Sebastian Bach e Claudio Monteverdi. Juntavam-se ao Coro a Orquestra de Câmara Gulbenkian e um quarteto de intérpretes femininas: as sopranos Wally Staempfli e Yvonne Perrin, a cravista Christiane Jaccottet e a violoncelista Maria de Macedo.

No final, quando o maestro desceu a batuta e agradeceu os aplausos do público que enchia a sala, dificilmente imaginaria que, 50 anos depois, estaria novamente no púlpito do Grande Auditório da Fundação Gulbenkian a dirigir o programa de Natal.

A obra que será tocada este ano, nos dias 13, 14, 15 e 16 de dezembro – a Oratória de Natal de Johann Sebastian Bach – representa uma das mais majestosas criações do mestre alemão e vai celebrar não apenas a quadra festiva mas também a longa ligação de Michel Corboz ao Coro Gulbenkian.

Composta em Leipzig nos finais de 1734, a peça está dividida em seis cantatas, cada uma celebrando uma das festas que pontuavam os treze Dias de Natal no

IX CONCERTO
17 de Dezembro de 1969, às 18.30

PROGRAMA

MONTVERDI
Beatus Vir
O quem pedira
Confitebor
Dixit Dominus
Concerto em ré menor

J. S. BACH
Jubilate
Solve Regina
Gloria a 7

MAESTRO: MICHEL CORBOZ
SOBRIA: WALLY STAEMFPLI (soprano), YVONNE PERRIN (soprano), CHRISTIANE JACOTTET (cravo), MARIA DE MACEDO (violoncelo)
CORO GULBENKIAN

MICHEL CORBOZ
Depois de ter sido solista em numerosos concertos, dedicou-se à direção. Os seus conhecimentos e a sua intuição de arte vocal fizeram dele um especialista do canto coral e nesta qualidade tem regido todos os anos cursos em Lisboa, sob os auspícios da Fundação Gulbenkian. É chamado frequentemente a dirigir grandes obras corais-sinfónicas, como a Missa em si de Bach, o Círculo e as Vespéras de Monteverdi, em festivais internacionais. Foi o «Ensemble Vocal et Instrumental» de Lausanne, cuja criação lhe deu muitas vezes distinções pelas Académias de disco. Recentemente, Michel Corboz recebeu o Grande Prémio Mundial do Disco, pela sua interpretação da «Solve Regina» de Monteverdi.

WALLY STAEMFPLI
Artista completa, professora de canto no Conservatório de Basileia, é também pianista. A sua arte é feita de firmeza, inteligência e de toda uma cultura que lhe trouxe o contacto de mestres como Perlemuter e Nadia Boulanger.

YVONNE PERRIN
Foi aos dezasseis anos que descobriu a sua vocação de soprano. Trata-se de uma voz rica e generosa que se conjuga maravilhosamente com a de Wally Staempfli. Ambas adquiriram uma grande experiência de duo no «Ensemble Vocal et Instrumental» de Lausanne.

CHRISTIANE JACOTTET
Estudou e trabalhou em Viena. Com uma brilhante carreira internacional, esta cravista gravou, entre outras obras, os «Concertos Brandeburgueses» de Bach com Schindler. Também os concertos de Bach não têm segredo para ela. Há poucos dias apresentou-se em Paris num concerto dirigido por Kurt Redel.

Programa - Preço 2850
UNIDADE PARA DISTRIBUIÇÃO DOS SERVIÇOS DE ENCHIMENTO
MAYNARD DE S. ANTONIO
Impressão S.A. - Lisboa - 1969 - 11 2000

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
GRANDE AUDITÓRIO



ORQUESTRA DE CÂMARA GULBENKIAN
TEMPORADA DE 1969-1970

PROGRAMA DO CONCERTO DE NATAL DA TEMPORADA 1969/70



MICHEL CORBOZ © D.R.

calendário luterano: o Nascimento de Jesus (dia de Natal); a Anunciação aos Pastores (26 de dezembro); a Adoração dos Pastores (27 de dezembro); a Festa da Circuncisão (dia de Ano Novo); a Viagem dos Reis Magos (1.º domingo depois do Ano Novo) e a Festa da Epifania (Adoração dos Reis Magos, 6 de janeiro).

As cantatas serão apresentadas em quatro concertos: dia 13 e 15 (cantatas I, III e VI), dias 14 e 16 (cantatas II, IV e V).

Em palco estarão, além do Coro e Orquestra Gulbenkian, a soprano Ana Quintans, a meio-soprano Marianne Beate Kielland, o tenor Benedikt Kristjánsson e o baixo Philippe Sly.

À frente de todo o elenco estará um maestro que não gosta da palavra dirigir – por lhe sugerir a ideia de imposição –, preferindo, antes, o termo “animar”, no sentido de dar alma a uma obra. Um maestro que diz também que o seu som preferido é a voz, que o seu compositor favorito é Bach (e os compositores que nele se inspiraram) e ainda que a virtude a que aspira é a simplicidade. Estão reunidas as premissas certas para se ouvir uma das mais belas obras do repertório coral-sinfónico de todos os tempos.

Oratória de Natal, Johann Sebastian Bach

Grande Auditório
13, 14, 15 e 16 dezembro

Sugestões para o Natal

Este mês, até dia 24, pode encontrar livros e ótimas sugestões para presentes nas nossas lojas, com produtos inspirados nas coleções do Museu Gulbenkian e nas exposições temporárias. Peças de loiça, velas, bijuteria, écharpes e outros acessórios estão entre as sugestões que pode encontrar. Para os amantes de aves e frequentadores do Jardim Gulbenkian, também não faltam opções, entre almofadas decorativas e brinquedos que imitam o canto dos pássaros.





